

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

A MEDIAÇÃO INFORMACIONAL NO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO EM REDE DAS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS DE SÃO PAULO

Ramon Fernandes Lourenço (Universidade Estadual de Londrina – UEL)

Maria Inês Tomaél (Universidade Estadual de Londrina – UEL)

*The informational mediation in the organizational network process of the school
occupation of São Paulo*

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O presente artigo desenvolve a análise da mediação informacional no processo de ocupação das escolas estaduais de São Paulo ocorrido em novembro de 2015 em resposta à proposta do governo do Estado de reorganização escolar, que resultaria no fechamento de diversas escolas. Utilizando o método Cartografia de Controvérsias e a Teoria Ator-rede foram traçados os passos deixados pelos actantes a partir de seus rastros digitais, a informação registrada em matérias publicadas em páginas da imprensa e em mídias sociais na internet, possibilitando a identificação dos actantes presentes na rede sociotécnica formada pela controvérsia da ocupação das escolas. Por meio da cartografia desta rede, foi realizada a análise dos principais mediadores presentes no processo de ocupação, com vistas a descrever suas ações e seus impactos no fluxo de associações. A descrição das diferentes mediações na controvérsia, tanto de elementos humanos quanto de não-humanos, foi realizada utilizando-se das concepções de Silva (2010) sobre as novas mediações que surgem em relação aos avanços tecnológicos, as mediações pós-custodiais. Sua leitura sobre o desenvolvimento destas multi-mediações amplia o entendimento das diferentes atuações na controvérsia. A partir desta descrição, foram encaminhadas as reflexões acerca das aproximações entre a mediação sociotécnica e a mediação informacional presente no processo de ocupação das escolas, contribuindo com futuras pesquisas que poderão utilizar os pressupostos da Teoria Ator-rede e da Cartografia de Controvérsias na área da Ciência da Informação.

Palavras-Chave: Mediação Informacional; Teoria Ator-rede; Cartografia de Controvérsias.

Abstract: This paper analyses the informative mediation performed in the occupation process at the public schools of the state of São Paulo, Brazil, in november, 2015. At that time, the government had purposed a different organization in the structure of these schools, which would result in its closure and that was the main cause of the occupation. Using the Cartography of Controversies along with the Theory Actor-network, this study followed the steps left by the actants from their digital traces, either on the press or on social media, making possible recognizing the actants present in the sociotechnical

network formed by the controversy of the occupation in the schools. Mapping this network, the main mediators present in the occupation process were analyzed, considering their actions and their impacts on the network. The description of the different mediations in the controversy, both human and non-human elements, was made using Silva's (2010) conceptions about new mediations that comes up in relation to technological advances, post-custody mediations. Silva's understanding on the development of these multimedia, enlarge the knowledge of the different actions in the controversy. Based on this description a reflection on the approximations between the socio-technical mediation and the informational mediation present in the occupation process of the schools was carried out, contributing with future research that uses the assumptions of the Actor-network Theory and the Cartography of Controversies in the area of Science of Information.

Keywords: Informational Mediation; Actor-network theory; Controversy mapping.

1 INTRODUÇÃO

O atual cenário político e econômico do país tem se mostrado um fértil campo para o desenvolvimento de iniciativas em rede, geralmente em prol de pautas centradas nas questões políticas ou sociais onde as gerações mais novas assumem o protagonismo na organização de movimentos desta natureza. Neste contexto de incertezas, estas têm demonstrado habilidade de organização e mobilização em rede para lutar por aquilo que acreditam, ganhando estes movimentos ampla visibilidade por parte da mídia e da opinião pública.

É neste contexto que se insere esta pesquisa, cuja proposta foi de analisar o desenvolvimento das mediações informacionais no fenômeno das ocupações das escolas de São Paulo, um movimento iniciado e liderado por jovens estudantes secundaristas contra a reorganização das instituições de ensino imposta pela Secretaria Estadual de Educação do Governo de São Paulo (SEED). De maneira resumida, a proposta do governo paulista culminaria com o fechamento de 93 escolas, e outras 754 tornariam-se instituições de ciclo único, deslocando e dividindo cerca de 311 mil alunos em escolas por faixas etárias. O principal fator motivador das ocupações foi a falta de informações sobre o processo de implementação da reestruturação escolar, que não foi amplamente debatido com pais e alunos antes das mudanças serem aprovadas pelo Governo do Estado.

Contrários a esta proposta, os alunos das escolas alvo das transformações iniciaram o processo de ocupação em 9 de novembro de 2015, organizando-se por meio de associações em reuniões, debates e mídias sociais. Nos primeiros dias, haviam poucas escolas ocupadas na cidade de São Paulo, mas, no final da primeira semana, já se viam escolas ocupadas em diversas cidades, culminando com mais de duzentas em todo o estado, em menos de três semanas de movimentações. O tamanho do movimento e sua velocidade são muito expressivos, ainda mais ao se constatar que se tratavam de alunos de diferentes escolas e cidades, dificultando qualquer possibilidade de contato prévio. São estas características que tornaram este movimento interessante para ser analisado sob o ponto de vista da Ciência da Informação (CI), pois, busca verificar como a mediação informacional se fez presente neste processo orgânico de formação em rede.

A formação de coletivos em rede é muito influenciada atualmente por elementos tecnológicos, principalmente aqueles vinculados à internet e ao fluxo de informações digitais,

sendo este um ponto muito importante que deve ser levado em consideração para a análise da mediação informacional no processo de ocupação das escolas de São Paulo. Neste sentido, a Teoria Ator-rede (TAR) utiliza o conceito de mediação a partir das relações construídas no contexto das aceleradas transformações relacionadas às novas tecnologias. Com um posicionamento crítico acerca dos direcionamentos tradicionais da sociologia, a ANT recoloca o foco da análise nos processos e momentos em que as associações estão sendo realizadas, apontando para a necessidade de se descrever este movimento, como é realizado, por quem e quais suas motivações (LATOURET, 2012; CALLON, 2004; LAW, 1992). Estes questionamentos abrem um leque de possibilidades analíticas à medida que se entendem os princípios desta teoria, a simetria entre humanos e não-humanos, as redes heterogêneas e a agência dos actantes e o papel central da mediação nestes processos.

Ao abordar o fenômeno analisado pela perspectiva da TAR, cujo foco está nos processos de mediação, cabe então verificar como a mediação informacional foi realizada no processo de ocupação das escolas de São Paulo, um movimento em rede formado por diferentes mediações. Neste sentido, a abordagem das mediações pós-custodiais de Silva (2010) foram importantes por apontar a presença constante dos três tipos principais de mediação, a institucional, a distribuída e a cumulativa. A presença destes três tipos de mediação na controvérsia analisada está vinculada com as características dos actantes, revelando seu perfil de atuação com relação à informação e também as transformações realizadas por eles na rede. Desta forma, verifica-se que as diferentes formas de mediação da informação coexistiram durante o desenvolvimento da controvérsia das ocupações das escolas de São Paulo, estando alinhadas diretamente com as características dos próprios actantes.

2 AS MULTIMEDIAÇÕES NOS CONTEXTOS PÓS-CUSTODIAIS

Ao propor analisar a mediação informacional a partir de um fenômeno tão dinâmico quanto o movimento de ocupação das escolas estaduais de São Paulo, em 2015, foi necessário, inicialmente, retomar os diversos significados contidos neste termo tão polissêmico. O entendimento do que seria mediação foi construído, primeiramente, a partir da análise de diversas aplicações do termo em diferentes campos, da Comunicação Social, Psicologia, Direito, Sociologia e Ciência da Informação (VARELA *et al.*, 2014). A partir deste amplo contexto do uso do termo, foram identificados pontos de convergência importantes

que auxiliaram no alinhamento das duas principais perspectivas relacionadas ao conceito de mediação utilizadas no trabalho, da Teoria Ator-rede (LATOURETTE, 2012) e da mediação da informação custodial e pós-custodial, de Silva (2010).

Inicialmente, ao analisar a utilização do termo em diversos campos científicos, é importante apreender que em cada um destes contextos o termo ganha contornos diferenciados, mas mantêm, em sua essência, alguns elementos comuns que preservam a característica da mediação nas mais diversas formas de aplicação. Davallon (2007) destaca o esforço da Ciência da Informação e da Comunicação como principais áreas envolvidas no processo de desenvolver o conceito de mediação de um ponto de vista teórico e científico.

Com o desafio de trabalhar com este conceito tão generalizado, Davallon (2007) e Silva (2010) ressaltam a necessidade de se aprofundar nas utilizações e significados do termo, antes de aplicá-lo aos campos específicos. Silva (2010), ao refletir acerca da apropriação do conceito de mediação na Ciência da Informação, apresenta inicialmente três abordagens para a mediação, sendo o sentido “jurídico-diplomático”, voltado para a resolução de conflitos, a mediação cultural, com sua dimensão social e interpretativa, e a “sociológico-comunicacional”, destacando o papel de Jesús Martín-Barbero na relação entre mediação, comunicação e cultura (SILVA, 2010).

Ao analisar os usos e sentidos mais comuns atribuídos ao conceito de mediação, Davallon (2007) aponta três tipos de utilização do termo, sendo o primeiro vinculado ao senso comum e ao senso científico, o segundo mais preocupado em descrever processos e técnicas específicas e o terceiro referente às tentativas de pesquisadores em defini-lo teoricamente como um conceito comum a todas as áreas. Nas utilizações voltadas para o senso comum e senso científico, o autor ressalta o papel de intermediário que atua buscando a conciliação entre as partes envolvidas em um conflito ou então na criação de um estágio mais satisfatório de entendimento de uma controvérsia.

O segundo tipo de utilização do termo destacado pelo autor, nomeado de uso operatório, diz respeito àquelas definições preocupadas em descrever técnicas específicas de um fazer profissional, comparando alguns gêneros conhecidos como a Mediação Cultural, a Midiática e a Pedagógica. Já a terceira vertente de uso do termo é relacionada aos esforços para criar uma definição conceitual comum, aprofundando debates sobre seus fundamentos e também sobre suas aplicações em determinados campos científicos.

Compartilhando com Davallon e Silva o desafio de analisar a mediação em toda sua diversidade, Almeida (2012) descreve três níveis conceituais que auxiliam na compreensão do termo: o nível etimológico, o sócio-simbólico e o institucional e profissional. O primeiro nível se aproxima da noção de senso comum de Davallon (2007), sendo a “[...] ideia básica é que a mediação é a ação de estar entre dois elementos [...]” (ALMEIDA, 2012, p.2), tendo a ação de interceder e interpor no centro de seu significado. O nível sócio-simbólico destaca o papel desempenhado pela cultura e pela linguagem como mediadoras primárias, destacando o caráter simbólico da mediação. Já o terceiro nível ressalta a atuação de profissionais especializados e campos de saberes específicos, utilizando métodos e técnicas de mediação.

Ao comparar estas diferentes abordagens sobre o conceito de mediação; é possível verificar diversos pontos convergentes na descrição de suas práticas, possibilitando ressaltar um núcleo comum que está presente nos diversos conceitos. De forma geral verificou-se a presença constante de quatro principais pontos, sendo: 1) a presença de ao menos três elementos no processo de mediação; 2) a existência de uma ruptura entre o primeiro e o segundo elemento; 3) a característica da ação transformadora do mediador, e; 4) a característica dialógica da relação estabelecida entre os três elementos.

Estas são as quatro características que estão presentes, em maior ou menor ênfase, nas diversas definições e usos que a mediação assume nos diferentes campos de aplicação. Isto reforça como a mediação se estabelece como um conceito plástico, que estende suas linhas de atuação e se adapta às diversas realidades a que se expõe. Assim, cabe agora a tarefa de verificar como estas características do termo se alinham com a mediação informacional a partir do paradigma pós-custodial e com a mediação sociotécnica da Teoria Ator-rede.

A mediação informacional é analisada por Silva (2010) a partir de duas perspectivas diferentes, do paradigma custodial e do paradigma pós-custodial, relacionado ao campo da Ciência da Informação. Para tanto, o autor compara diferentes formas de atuação, tanto dos profissionais da informação quanto dos próprios usuários, em suas tarefas relacionadas à informação, para identificar as diferenças nestes dois paradigmas.

O paradigma custodial é marcado pela guarda dos documentos por instituições ou personalidades, considerando a informação uma propriedade. De acordo com Silva, o paradigma custodial se desenvolveu “[...] a partir de uma formação localizada e centrada no *locus* profissional (Arquivos, Bibliotecas e Museus), com suas tarefas e exigências práticas que se sobrepujam a eventuais preocupações teóricas e reflexivas” (SILVA, 2010, p.11). Em uma

época em que os documentos existiam somente em suportes físicos, a preocupação dos profissionais da informação estava focada em sua preservação e guarda, demarcando a centralidade do profissional como autoridade no manejo da informação.

Avançando nestas considerações sobre o fazer do profissional da informação e também sobre o próprio objeto da CI, o paradigma pós-custodial apresenta questões e direcionamentos relacionados com o surgimento de novas tecnologias de comunicação e informação, da digitalização e das transformações sociais resultantes deste contexto. Silva ressalta alguns aspectos da transição dos paradigmas que constroem o contexto no qual a mediação deverá ser analisada, apontando, principalmente, a mudança do enfoque das abordagens instrumentais e normativas para a compreensão do fenômeno “[...] info-comunicacional patente num conjunto sequencial de etapas/momentos intrínsecos à capacidade simbólico-relacional dos seres humanos [...]” (SILVA, 2010, p.14). Assim, coloca-se também como necessário para os estudos deste campo científico os processos sociais de criação de significado, de laços sociais e também de compartilhamento das informações.

No contexto deste novo paradigma, a mediação informacional deve ser pensada a partir deste fenômeno info-comunicacional, em que a custódia e a manipulação da informação não é ação específica de um profissional, mas sim distribuída às redes, digitais ou não. A partir deste novo direcionamento, Silva (2010) apresenta sua visão de mediação pós-custodial, em que a complexidade da era digital e da avalanche informacional propiciam o surgimento de novos agentes mediadores, fora das instituições tradicionais, trabalhando, então, com a ideia inicial de três tipos de mediação, a institucional, a distribuída e/ou partilhada e a cumulativa.

A mediação institucional é aquela que guarda mais relação com o paradigma custodial por estar ligada ao fazer de um profissional especializado e das tradicionais instituições, como as Bibliotecas e os Arquivos, tidas antes como as responsáveis pelas informações e conhecimento. A mediação distribuída ou partilhada começa a se desvencilhar da posse da informação, assumindo a atuação de outros agentes neste processo. Relaciona-se com “[...] certos tipos de serviços e mídias digitais, como websites e blogs, pertencentes a entidades colectivas e a indivíduos [...]” (SILVA, 2010, p.31), em que os usuários são convidados a interagir com os conteúdos. Já a mediação cumulativa é presente na ação do indivíduo contemporâneo que, por meio das tecnologias digitais, pôde assumir diferentes formas de interagir com a informação, acumulando os papéis de produtor e usuário da informação.

A proposta do autor enquadra de maneira eficiente as mudanças da linearidade da mediação custodial para a complexidade do contexto pós-custodial, em que os indivíduos comuns assumem novos comportamentos relacionados à informação. Ao analisar os três tipos apontados, verifica-se que a mediação transita do profissional especializado nas instituições tradicionais, no caso da institucional, para os grupos de mediadores em projetos colaborativos, na distribuída, chegando, por fim, ao empoderamento do indivíduo que assume o papel ativo de produtor, mediador e usuário de informações, no caso da cumulativa.

De acordo com Silva (2010), a mediação informacional pode ser entendida como um processo inerente ao ser humano, não sendo exclusiva de profissionais especializados. A medida em que os indivíduos atuam como mediadores, agem pela lógica relacional, estabelecendo redes e estes papéis de mediadores e mediados não são fixos e sim transitórios, devido à fluidez dos papéis sociais desempenhados em determinadas situações.

Alinhada com as definições de mediação até aqui demonstradas, a mediação sociotécnica da Teoria Ator-rede apresenta alguns pontos de reflexão interessantes. Porém, para entendê-la é necessário retomar aos fundamentos da ANT, a qual define que a natureza e as características dos agentes, ou actantes, analisados não são determinantes de sua importância na rede. O que define o seu lugar na rede é a ação empreendida e seu potencial de transformação, estabelecendo os processos de associação e dissociação, quando já não há mais ação. Assim, o movimento empreendido pelos actantes é a peça chave para se entender a dinâmica social, cabendo focar na análise sobre como os actantes atuam na rede.

Dentre os papéis desempenhados pelos actantes na rede, a mediação tem destaque, pois é a responsável pelas transformações, sendo a ação de descrever os actantes, suas características e, principalmente, seus efeitos na rede algo complexo e que exigirá muito do pesquisador. Nas palavras de Latour, os mediadores:

[...] não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. O que entra neles nunca define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes. Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam. (LATOUR, 2012, p. 65).

Neste processo de identificar os mediadores e seus efeitos, é importante atentar-se para a sua característica de ator-rede, pois, em determinadas ações, o mesmo mediador poderá contar por um ou por vários na rede. Na prática, isso diz respeito a efeitos múltiplos

que podem ser desencadeados pelo mesmo mediador, influenciando a rede de formas diferenciadas. Por isso Latour atenta para a necessidade de retomar a especificidade deste actante a cada nova ação, a cada novo efeito relacionado a ele.

Como pode ser notado, a capacidade de mediação, pela perspectiva da Teoria Ator-rede, pode ser atribuída à agentes de diversas naturezas, humanos ou não, cabendo a este actantes ter importância suficiente, ou seja, realizar alguma transformação na rede analisada. Este é o princípio da simetria, a qual diz que elementos não-humanos têm potencial de ação de forma simétrica a seus pares humanos.

Fica ainda mais evidente entender a proposição da ANT acerca do papel dos agentes não-humanos quando se analisam as ações cotidianas, neste momento em que as tecnologias ganham cada vez mais destaque. Atualmente, o indivíduo vive envolto de aparatos tecnológicos para realizar diversas ações, para se manter conectado com amigos utiliza o *smartphone* e aplicativos de conversa em tempo real, para realizar uma reunião de trabalho, utiliza um computador e um *software* de videoconferência por *streaming*¹, ou, então, para encontrar um local, utiliza o *GPS* pelo computador de seu carro.

Estes são exemplos em que agentes não-humanos compõem uma intrincada rede que, se fossem retirados, possivelmente, a inviabilizariam. Esta rede, composta por humanos e não-humanos, é chamada de rede sociotécnica (LATOURE, 2012), por reconhecer a igualdade de importância entre os agentes, independente de sua natureza. Desta forma, a Teoria Ator-rede contribui com uma nova visão ao reconhecer a importância das tecnologias na construção das redes sociotécnicas.

Após esta breve explanação sobre as multi-mediações, é possível evidenciar a aproximação entre as abordagens de mediação na Ciência da Informação e na Teoria Ator-rede. Esta aproximação aponta ainda para as contribuições desta teoria para o campo da CI uma vez que defende a necessidade de analisar as associações nos momentos em que acontecem, ajustando as lentes de observação de maneira que possibilitem a visualização da complexa rede de relações estabelecidas entre humanos e não-humanos na execução de ações.

Ao adotar uma perspectiva que permite visualizar a ação de elementos humanos e não-humanos em um fenômeno, esta pesquisa pretendeu analisar como a mediação

¹ Transferência de dados em tempo real pela internet.

informacional foi realizada no processo de ocupação das escolas de São Paulo, um fenômeno coletivo formado pela articulação em redes sociais, com forte participação das mídias sociais digitais. Por conta da natureza heterogênea deste tipo de fenômeno foi necessário abordá-lo a partir da Teoria Ator-rede para analisar a correlação entre as mídias sociais, os alunos, os movimentos sociais, as instituições públicas, as personalidades políticas, a imprensa, documentos e materiais informacionais compartilhados, entre outros elementos que contribuíram na construção da rede sociotécnica formada por este movimento.

Para analisar a mediação informacional neste contexto foi necessário partir de definições que a colocaram como processo comum, reconhecendo que qualquer indivíduo pudesse atuar como um mediador. Esta abordagem está alinhada com o viés pós-custodial apontado por Silva (2010), pois identifica as mediações institucionais, distribuídas e também as cumulativas, ou seja, aquelas em que a mediação está centralizada em profissionais ou em instituições, aquelas que acontecem de forma colaborativa em serviços ou mídias digitais, com papéis bem definidos, ou então o processo difuso e complexo da mediação cumulativa. Sobre esta última, é interessante ressaltar as semelhanças com a Teoria Ator-rede, pois, para identificá-la, o agente deverá ser analisado por suas conexões, onde a cada nova associação o papel deste agente pode mudar de usuário, mediador ou produtor de informação. A mediação cumulativa surge na participação ativa em comunidades que interagem pela lógica relacional, construindo a rede pela atuação de diversos voluntários, que desempenham ações diferentes em cada novo momento, em cada nova associação.

3 CARTOGRAFIA DE CONTROVÉRSIAS COMO ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para “dar conta” dos objetivos propostos, esta pesquisa se desenhou a partir de uma abordagem qualitativa, cuja finalidade foi a descrição dos fenômenos analisados por meio da utilização do método Cartografia de Controvérsias. Por trabalhar com os pressupostos da Teoria Ator-rede, a Cartografia de Controvérsias é o método aplicado que possibilita o estudo de redes sociotécnicas, sendo definida por Pereira e Boechat (2014, p. 560):

[...] a cartografia de controvérsias estabelece-se principalmente como um conjunto de métodos para representar e analisar visualmente temáticas a partir de rastros deixados por atores em redes digitais, utilizando ferramentas das tecnologias da informação e da comunicação.

Levando em consideração as características do fenômeno analisado por este trabalho, verifica-se que o método apresenta ferramentas interessantes para reconstruir os caminhos trilhados pelos principais actantes desta controvérsia – o processo de ocupação das escolas de São Paulo em 2015. Ao dispor de mecanismos que permitem analisar as inscrições deixadas pelos actantes, a informação registrada, e delas traçar os caminhos das associações, tal método possibilita recontar a história das ocupações desde o início do movimento, desenvolvendo caminhos de análises a cada nova fase de associações e mudanças na direção do fenômeno.

Como método de apoio para a análise das inscrições e documentos da controvérsia foi também empregado a Análise de Conteúdo, por ser, tal qual afirma Bardin (2011), uma metodologia que permite identificar características da produção e recepção das mensagens analisadas:

[...] é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Desta forma, a análise de conteúdo auxiliou na criação das categorias que identificaram os actantes e suas associações, o que distingue o caráter social deste método, assim como afirmam Silva e Fossá ao salientar que a análise de conteúdo “[...] é uma técnica com intuito de produzir inferências de um texto para seu contexto social de forma objetiva” (SILVA; FOSSÁ, 2013). A categorização dos actantes e a identificação de suas associações foi o elemento central que possibilitou a construção de toda a rede formada pela controvérsia, sendo complementada pela narração da linha do tempo dos principais fatos.

Entre os principais procedimentos utilizados para coleta, análise e visualização dos dados da pesquisa está a revisão bibliográfica, utilizada para a construção do referencial teórico e também para verificar a existência de outros trabalhos com as temáticas das ocupações das escolas de São Paulo. A partir da revisão bibliográfica, foi dado início a busca pelos rastros digitais a partir de duas fontes, as matérias da imprensa publicadas na internet e os dados das páginas no Facebook relacionadas às ocupações.

O processo de coleta das matérias da imprensa na internet ocorreu por meio da utilização do *software Google News Scraper*² e do *Octoparse*³, sendo utilizado o *software QDA Miner*⁴ para facilitar o processo da análise de conteúdo. A coleta deste material foi realizada abrangendo o período de 1ª de setembro de 2015 até 30 de março de 2016, para contemplar todo o processo das ocupações, resultando no total de 951 matérias coletadas em 118 veículos na internet.

Já os dados das páginas no *Facebook* foram coletados com auxílio da ferramenta *Hyphe*⁵, um *software* especializado na coleta, ou raspagem, dos dados e na montagem da rede de relações entre páginas na internet. Tendo como ponto de partida para a busca as páginas “Não fechem minha escola” e “OcupaFernaó”, foram recuperadas 314 páginas, divididas entre páginas do próprio movimento de ocupação (escolas ocupadas) e seus apoiadores (coletivos, uniões estudantis, sindicatos, personalidades etc.).

4 AS MEDIAÇÕES INFORMACIONAIS NO PROCESSO DE OCUPAÇÃO

Durante a pesquisa e análise do fenômeno das ocupações das escolas de São Paulo de 2015, verificou-se que o processo de associações em rede foi muito mais complexo do que aquele narrado pela maioria dos grandes veículos de imprensa nacionais. Ao seguir os rastros dos actantes na controvérsia, foram se revelando caminhos e relações entre actantes até então não identificados no processo de organização das ocupações.

A descrição do fenômeno das ocupações foi realizada por meio da análise de diversas narrativas, da imprensa nacional, internacional, regional, dos trabalhos científicos publicados e também por meio do compartilhamento de informações pelas principais páginas no *Facebook*. Desta forma, foi possível recontar esta história de maneira mais completa, ressaltando a dinâmica de associações de actantes de diversas naturezas que atuaram na formação de grupos e anti-grupos, mantidos pelas constantes disputas durante a controvérsia.

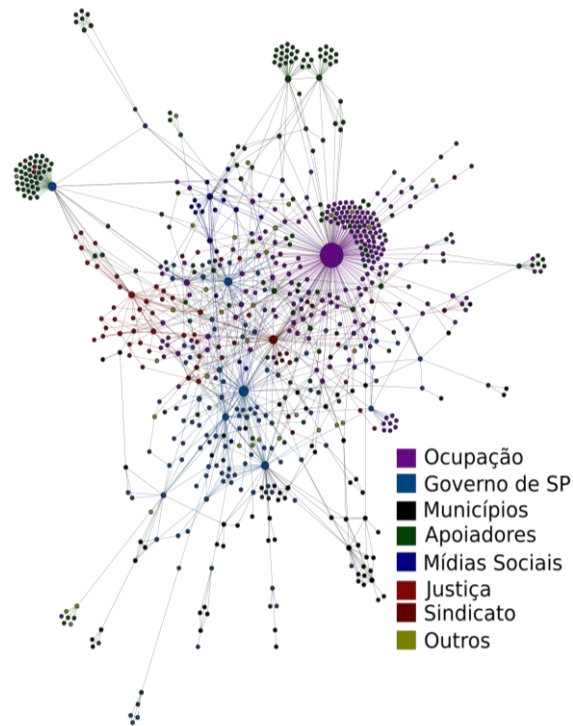
² <https://tools.digitalmethods.net/beta/googleNews/>

³ <http://www.octoparse.com/>

⁴ <https://provalisresearch.com/products/qualitative-data-analysis-software/>

⁵ <http://hyphe.medialab.sciences-po.fr/>

Figura 1: Rede formada pelas associações dos actantes.



Fonte: Dados da pesquisa.

Esta rica diversidade de actantes presentes na controvérsia pode ser visualizada pela Figura 1, onde é possível reconhecer os principais atores-rede envolvidos na fase final da controvérsia, formando uma rede com 691 actantes, agrupados de acordo com suas principais associações. Esta grande diversidade de agentes participantes na controvérsia das ocupações das escolas de São Paulo marca a riqueza das associações estabelecidas, possibilitando demonstrar como os principais atores-rede identificados tem relação com as mediações informacionais pós-custodiais de Silva (2010).

Durante a cartografia da controvérsia pode-se verificar ao menos duas perspectivas de análise do processo de ocupação das escolas em que a mediação informacional tem papel fundamental na formação das associações. A primeira delas fica evidente ao se constatar que as disputas criadas no âmbito da controvérsia tiveram um carácter eminentemente discursivo, em que a construção de significados e seu compartilhamento foram cruciais para o desenrolar dos fatos, e a segunda foi a criação dos canais e fluxos de informação que possibilitaram a criação da rede da controvérsia, que unificou e consolidou o movimento estudantil.

A primeira disputa relacionada à construção de significados tem origem na falta de comunicação e clareza de informações do processo de reorganização escolar proposto pelo Governo do Estado de São Paulo. A real motivação da proposta de reorganização escolar

começou a ser questionada logo no primeiro movimento de divulgação por parte do Governo do Estado, que publica em seu site, sem grandes detalhamentos, informações sobre a reestruturação escolar que ocorreria no ano seguinte. Divididos entre membros do Governo do Estado, favoráveis à proposta, e grupos de professores, pais e alunos, contrários, estes actantes iniciam um longo embate sobre os fatores que motivaram a reorganização escolar.

Outra grande disputa vinculada à construção de discursos durante a controvérsia é a que trata da questão sobre a autoria, autonomia e liderança dos secundaristas sobre o movimento de ocupação das escolas. Enquanto aqueles que eram favoráveis ao movimento de ocupações reconheciam, em sua maioria, o protagonismo dos alunos como organizadores das ações, os actantes contrários afirmavam, constantemente, que esses alunos estavam sendo manipulados por professores do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), partidos e movimentos políticos.

A perspectiva que privilegia a análise da mediação informacional na controvérsia é aquela que destaca os movimentos dos fluxos de informação responsáveis pela construção da rede de relações entre os actantes. Destacando a importância que Latour (2012) coloca na ação, no trabalho, como responsável por criar e manter as associações, é possível verificar que a formação de um movimento com as características das ocupações só pode ocorrer com o estabelecimento de sólidos fluxos informacionais, por meio da criação de canais de comunicação possibilitados pelas mídias sociais, smartphones e conexão com a internet.

Esta dinâmica informacional pode ser visualizada ao se analisar a intensidade das interações ocorridas nas principais páginas no Facebook do movimento de ocupação das escolas. De acordo com a Figura 2, os meses de novembro e dezembro de 2015 tiveram maior fluxo de interações em todas as páginas, demarcando o processo de início e fim das ocupações. Isto demonstra como a produção de conteúdo e o compartilhamento de informação foi crucial para o estabelecimento do movimento de ocupação das escolas, refletindo diretamente nos altos números de conteúdos e interações compartilhadas nas páginas.

Figura 2: Comparativo de interações entre as principais páginas no Facebook do movimento de ocupação.



Fonte: Dados da pesquisa.

Quando somados os principais números de todas as seis páginas disponibilizadas na Figura 2, constrói-se o panorama da participação possibilitada pelos fluxos de troca de informação nas mídias sociais, sendo 2.187 autores de conteúdos, 6.694 postagens com conteúdos diversos (texto, fotos, vídeos, áudios) e 27.567 pessoas comentando e repercutindo estes conteúdos nas páginas. Se forem analisadas as quantidades totais de interações por postagens em cada página os números são ainda maiores, sendo um total de 18.087.000 curtidas em todas as postagens de todas as páginas e 8.546.555 compartilhamentos. Estes são números relevantes que reforçam a conclusão de que os fluxos de informação foram cruciais para o estabelecimento da rede de actantes que se transformou no movimento de ocupação das escolas de São Paulo.

4.1 As mediações pós-custodiais da controvérsia

Para continuar com a análise da mediação informacional é possível, agora, demonstrar como os tipos de mediação pós-custodial de Silva (2010) estão presentes na controvérsia. Desta forma, serão apresentados quais actantes têm características que se enquadram na mediação institucional, distribuída e cumulativa, apontando como estas multimediasções dividem espaço durante os processos de associações da controvérsia.

A mediação institucional, segundo Silva (2010), é aquela que guarda semelhanças com as do período custodial, em que a forte presença do profissional especializado marca a relação hierárquica e uma evidente separação de papéis entre aquele que necessita da informação, o usuário e aquele que detém o trato e a posse da informação. Neste tipo de mediação a relação com a informação é fundamentada fortemente em uma estrutura hierárquica, uma divisão rígida de tarefas e responsabilidades, definindo, por sua vez, papéis de atuação no processo de criação, busca, uso e compartilhamento da informação.

A partir destas indicações, é possível fazer algumas reflexões a respeito da ação dos principais mediadores que se enquadram neste perfil, como por exemplo os membros do Governo de São Paulo. Este ator-rede foi composto por alguns elementos que se alinham a partir das relações estabelecidas institucionalmente, ressaltando a estrutura hierárquica destes actantes: Diretorias Regionais de Ensino, Secretaria de Educação, Chefe de Gabinete da Secretaria de Educação, Secretário de Educação e Governador.

Com a observação do desenvolvimento da controvérsia, foi possível verificar que as primeiras informações divulgadas da proposta de Reorganização Escolar foram compartilhadas pelos membros da Secretaria de Educação, sendo ela a principal mediadora naquele momento entre a comunidade em geral e o Governo do Estado. À medida que as disputas aumentam, a Secretaria de Educação vai deixando de ocupar a frente dos processos de criação e compartilhamento de informação para, então, assumir o próprio Governador. Dentro da estrutura do ator-rede Governo do Estado de São Paulo, verifica-se que os processos de criação e compartilhamento de informação são controlados por profissionais especializados, tendo destaque para as equipes de comunicação, responsáveis pelas produções de conteúdos nos principais canais de informação.

As mediações distribuídas, ou partilhadas, começam a desconstruir as rígidas hierarquias dos fluxos de compartilhamento de informação, admitindo a participação de não-especialistas nos processos de produção dos conteúdos, como voluntários em um trabalho

colaborativo. Cabe ressaltar que, apesar de ser mais flexível que a mediação institucional, os papéis desempenhados na mediação distribuída ainda são bem delineados.

Os coletivos de mídia livre são exemplos interessantes na controvérsia de actantes com um perfil de mediação distribuída, justamente por terem uma estrutura flexível que privilegia a participação de voluntários com trabalho colaborativo. Observa-se que estes coletivos tiveram fundamental importância para o compartilhamento de informação com o movimento de ocupação nas escolas, buscado produzir conteúdo diretamente nos atos realizados durante as ocupações e também dentro das escolas em que conseguiam acesso.

Os mais citados nos dados analisados pela pesquisa são o coletivo Jornalistas Livres, responsáveis pelo vazamento do áudio da reunião do Chefe de Gabinete da SEED, e a Mídia Ninja, um dos coletivos mais conhecidos de mídia livre do país. São as ações destes coletivos que realizaram os principais registros dos excessos resultantes das ações da Polícia Militar, “viralizando” estes conteúdos em rede nas mídias sociais. Estes dois coletivos ilustram bem como as ações de mediação informacional distribuída ocorreram na controvérsia, por meio da atuação de seus voluntários na cobertura dos principais fatos das ocupações, produzindo e compartilhando conteúdo em seus sites e o replicando nas mídias sociais.

A mediação cumulativa é o terceiro tipo das mediações pós-custodiais indicados por Silva (2010), sendo também a de desenvolvimento mais recente, por conta do crescimento das mídias digitais e soluções tecnológicas que permitem a produção de conteúdo de forma massificada. A proposta de mediação cumulativa abarca as habilidades que estão sendo desenvolvidas à medida que atividades técnicas, que anteriormente eram desempenhadas por profissionais especialistas, se tornam hoje popularizadas em razão da criação e utilização de softwares e hardwares que medeiam estas ações. A criação de conteúdo, texto, imagens, vídeos, animações em três dimensões são hoje possíveis de serem produzidas por indivíduos sem formação técnica específica, graças a popularização dos softwares e do fluxo de compartilhamento de informação disponibilizado pela internet.

Neste sentido, acontecimentos como as ocupações das escolas de São Paulo são momentos interessantes para se analisar como a mediação cumulativa é criada em um movimento que possibilita a participação aberta e não-hierárquica, priorizando a lógica relacional da mediação e a habilidade de autorregulação dos envolvidos. Ferreira resalta algumas características de projetos colaborativos afirmando que neles “[...] qualquer pessoa pode decidir quando participar e quanto tempo e esforço dedicar ao projeto. Ninguém é

obrigado a fazer qualquer coisa, e muito menos a fazer em determinado tempo, cumprindo qualquer prazo que seja” (FERREIRA, 2014, p.12). Desta forma, o indivíduo tem de assumir o protagonismo dentro do movimento, reconhecendo sua importância e seu papel enquanto mediador de transformações.

Como um dos principais actantes da controvérsia, o Movimento de ocupação das escolas é também um bom exemplo para analisar como a mediação cumulativa ocorreu na controvérsia. Por ser um complexo ator-rede constituído de associações entre alunos, smartphones, internet, aplicativos de mídias sociais, computadores, câmeras e outros coletivos é possível destacar a atuação dos alunos secundaristas em suas associações por meio das mídias sociais.

A dinâmica de fluxos informacionais criados pelos alunos enquanto mediadores informacionais é melhor analisada pela Figura 2, que compara o desempenho das principais páginas no Facebook do movimento de ocupação das escolas. Para verificar as diferenças e similaridades entre os tipos de páginas analisados é importante destacar algumas de suas características. Na Figura 2 estão dispostas seis páginas que podem ser separadas para uma análise mais aprofundada: três delas são de coletivos que contemplam de forma geral o movimento de escolas ocupadas, sendo “Não fechem minha escola”, “Aqui eu estou aqui eu vou ficar” e “Luta.Secundas”. A página “O mal Educado” foi criada em razão de outra controvérsia ocorrida em anos anteriores, mas que se consolidou como importante página em protestos que envolviam secundaristas em São Paulo. E as páginas “Escola de Luta Fernão Dias Paes” e “Escola de luta ETEC PJ” são das escolas ocupadas. Com este esclarecimento, é possível encaminhar a análise dos fluxos de informação com base em dois tipos principais de páginas, aqueles que apresentam uma abrangência mais geral do movimento, sendo “Não fechem minha escola”, “Aqui eu estou aqui eu vou ficar”, “Luta.Secundas” e “O mal Educado”, e as páginas específicas das escolas, “Escola de Luta Fernão Dias Paes” e “Escola de luta ETEC PJ”.

A partir desta separação, é possível verificar que há semelhanças e diferenças importantes entre os fluxos informacionais, uma vez que a característica das páginas influencia diretamente em quem está lá participando e construindo conteúdo ou meramente seguindo as interações lá criadas. Desta forma, fica perceptível como as páginas das escolas tiveram um alcance menor do que aquelas que abrangem o movimento integralmente.

Esta diferença no desenvolvimento das interações entre as páginas que representam o movimento de ocupação com aqueles que representam somente escolas específicas pode

ser explicada por meio dos tipos de mediações realizadas e dos tipos de fluxos informacionais construídos. A respeito das páginas das escolas, verificou-se que seu foco era de mobilizar as associações locais, formada pelos alunos, professores, pais e outros apoiadores do movimento. Com um uso mais voltado para a operacionalização do movimento, as informações circuladas ali tinham como foco as questões específicas da escola e da cidade no contexto do apoio ao movimento de ocupação, mas, também, havia a difusão das informações de contexto geral, da situação das negociações como o Estado.

As páginas com viés mais geral tiveram a função de compartilhar informações de contexto geral do movimento, no âmbito das negociações estaduais e da conquista da opinião pública nacional. Com isto, verificou-se forte presença de outros coletivos e membros de fora do movimento secundarista como actantes mediando os processos de busca, uso e compartilhamento de informação nestas páginas, mas que dividiam a intenção de apoio ao movimento. Em razão disto, estas páginas tornaram-se ricos espaços informativos sobre o movimento como um todo, criando uma intrincada rede na qual as páginas específicas das escolas produziam conteúdos de suas realidades locais que eram replicados pelo estado todo por meio das páginas mais gerais. Esta rica dinâmica informacional foi o que proporcionou a agilidade no compartilhamento de documentos importantes, de notícias, de análises dos contextos de negociação, de cobertura dos atos de protesto entre outras informações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do esforço de recontar a história das ocupações das escolas de São Paulo por meio dos rastros digitais dos actantes foi possível verificar uma rica trama de agentes, das mais diversas naturezas, que realizavam diferentes processos de mediação. Ao explorar como fenômenos de redes sociais mediados por tecnologias digitais se formam e se desenvolvem, como foi o caso das ocupações das escolas de São Paulo, foi possível identificar como as associações que crescem neste ambiente se consolidam como um rico campo de análise para as ciências, e em especial para a Ciência da Informação e Comunicação.

Durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, os movimentos de associação dos actantes foram se tornando cada vez mais ricos e complexos. Tais movimentos envolveram desde personagens políticos com uma atuação incisiva para um determinado curso de ação até o papel desempenhado pelos *smartphones* no processo de

compartilhamento de informações, desvelando uma complexa rede de elementos humanos e não-humanos. Esta rede híbrida ressaltou o potencial de mediação destes diversos elementos, pois, sem ela, a transformação na rede de desenvolvimento do fenômeno não ocorreria.

Tratando da análise das mediações da informação na controvérsia, pode-se verificar que os três tipos de mediação pós-custodial elencados por Silva (2010) estiveram presentes em toda a controvérsia, relacionados diretamente com a atuação de actantes específicos. As mediações institucionais, aquelas mais rígidas por conta de sua vinculação com instituições ou profissionais especializados, foram identificadas na ação do Governo de São Paulo, da imprensa e dos membros da Justiça de São Paulo. Já a distribuída, que apresenta um certo nível de descentralização da ação mediadora, pode ser observada na atuação dos coletivos que atuaram em favor do movimento de ocupação das escolas, com a presença de jornalistas, designers e programadores como mediadores principais da informação. Por sua vez, a cumulativa foi identificada na dinâmica descentralizada dos estudantes do movimento de ocupação das escolas, pois estes ocupavam diversos papéis na produção e compartilhamento da informação.

Com estas diferentes multi-mediações identificadas no processo de ocupação das escolas, foi possível destacar ao menos três grandes efeitos de suas transformações na rede, sendo a construção dos discursos e da identidade do movimento de ocupação, a organização em rede do movimento pelos intensos fluxos de informação e a crescente mediação técnica em movimentos que se estruturam em redes sociais. Verifica-se, por trás destes três efeitos, as diferentes mediações pós-custodiais e sua relação intrínseca com as novas tecnologias conectadas à internet, revelando como as transformações ocasionadas pelo avanço do uso destas tecnologias têm modificado profundamente comportamentos relacionados aos processos associativos e de produção, busca, uso e compartilhamento de informação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos C. Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 8., 2012. Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ENANCIB, 2012. Disponível em: <<http://www.eventosecongressos.com.br/metodo/enancib2012/arearestrita/pdfs/19540.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo/Laurence Bardin; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

CALLON, Michael. Por uma abordagem da ciência, da inovação e do mercado. O papel das redes sócio-técnicas. In: PARENTE, A. (Org.). **Tramas da Rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da cognição. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2004.

DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo?. **Revista Prisma.com**, Porto, Portugal, n. 4, 2007. Disponível em:
<<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/645/pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2015.

FERREIRA, Marcos R. G.. A colaboração online e os dilemas da vida em sociedade no século XXI. **E-Com**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, 2014.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Bauru: Edufba, 2012. 400 p.

LAW, John. Notes on the theory of the actor-network: Ordering, strategy, and heterogeneity. **Systems practice**, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992. Disponível em:
<<http://www.heterogeneities.net/publications/Law1992NotesOnTheTheoryOfTheActorNetwork.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

PEREIRA, Débora de C. BOECHAT, Marina P. Apenas siga as mediações: desafios da cartografia de controvérsias entre a Teoria Ator-rede e as mídias digitais. **Revista Contemporânea | comunicação e cultura**, Salvador, v. 12, n. 03, p. 556-575, set-dez. 2014. ISSN 18099386.

SILVA, Armando M. da. Mediações e mediadores em Ciência da Informação. **Revista PRISMA.COM**, Porto, Portugal, n. 9, 2010. Disponível em:
<<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/700>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, Campina Grande, v. 16, n. 1, 2015. Disponível em:
<<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

VARELA, Aida Varela; *et al.* Mediação em múltiplas abordagens. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 138-170, out. 2014. ISSN 1981-8920. Disponível em:
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19998>>. Acesso em: 3 mar. 2016.